

O processo de envelhecimento e as redes de sociabilidade lésbica na cidade de Belo Horizonte entre os anos 1970 e 2000: a potência dos vínculos de amizade se materializando em saúde

The Aging Process and Lesbian Sociability Networks in the City of Belo Horizonte, MG, between the 1970s and 2000s: the power of friendship bonds materializing in health

Janice Aparecida de Souza*
Alessandra Sampaio Chacham**

RESUMO

Neste artigo, destaca-se a importância das redes de apoio e dos laços sociais para mulheres idosas lésbicas, examinando como essas conexões sociais impactam positivamente a qualidade de vida e ajudam a superar desafios relacionados à saúde, solidão e discriminação. O estudo se baseia em dados e relatos coletados de 21 lésbicas com mais de 60 anos, que faziam parte de diferentes grupos, como o Vila Sésamo na juventude e a atual Confraria na velhice. As histórias dessas mulheres demonstram a importância dos vínculos de amizade em sua saúde e bem-estar, especialmente quando comparadas com entrevistadas mais isoladas socialmente. Além do grupo Vila Sésamo e da Confraria, o artigo menciona outros dois grupos de mulheres nascidas entre as décadas de 1930 e 1960, proprietárias de bares e frequentadoras de espaços homossexuais em Belo Horizonte. Embora o foco principal seja nas experiências das "confreiras", os relatos dos outros grupos são usados para comparação. A pesquisa utiliza entrevistas em profundidade e a técnica de *snowball* para selecionar as participantes, e foram conduzidas até atingir a saturação de informações. Em suas conclusões, o artigo enfatiza a importância dos laços sociais e das redes de apoio para a saúde e o bem-estar das lésbicas idosas, fornecendo uma visão valiosa das experiências dessas mulheres ao longo de suas vidas. Isso contribui para uma compreensão mais abrangente e diversa do envelhecimento e aponta para a importância de incluir as experiências e necessidades das lésbicas idosas na discussão sobre envelhecimento e bem-estar, destacando a voz dessa comunidade.

Palavras-chave: saúde; envelhecimento; laços sociais; gênero; homossexualidades.

ABSTRACT

This article highlights the importance of support networks and social bonds for elderly lesbians, examining how these social connections positively impact their quality of life and help them overcome health, loneliness, and discrimination-related challenges. The study is based on data and narratives collected from 21 lesbians aged over 60, who were part of different groups, such as Vila Sésamo in their youth and the current Confraria in their old age. The stories of these women demonstrate the significance of friendship bonds in their health and well-being, especially when compared to socially isolated interviewees. In addition to the Vila Sésamo and

Artigo submetido em 23 de outubro de 2023 e aprovado em 08 de novembro de 2023.

* Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais, (UEMG), doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. E-mail: janice.souza@uemg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2572-4385>

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, doutora em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: achacham@pucminas.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6651-9863>

Confraria groups, the article mentions two other groups of women born between the 1930s and 1960s, who owned bars and frequented homosexual spaces in Belo Horizonte. While the main focus is on the experiences of the "confreiras," the accounts from the other groups are used for comparison. The research employs in-depth interviews and the "snowball" technique to select participants, with interviews conducted until information saturation is reached. In its conclusions, the article emphasizes the importance of social ties and support networks for the health and well-being of elderly lesbians, providing valuable insights into these women's experiences throughout their lives. This contributes to a more comprehensive understanding of aging in a more diverse society and underscores the need to include the experiences and needs of elderly lesbians in discussions about aging and well-being, amplifying the voice of this community.

Keywords: health; aging; social ties; gender; homosexualities.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo inevitável que todos enfrentamos. Entretanto, a experiência do envelhecimento não é uniforme, sendo profundamente influenciada por uma variedade de fatores, incluindo orientação sexual e identidade de gênero. À medida que a sociedade avança no entendimento da diversidade de identidades e orientações, é fundamental também reconhecer as particularidades e os desafios enfrentados por grupos minoritários, cujas experiências são raramente discutidas ou mesmo reconhecidas, como as de lésbicas idosas. Estas podem se deparar com desafios únicos, muitas vezes agravados pela invisibilidade e pelo estigma que cercam a sua orientação sexual. Nesse contexto, os laços sociais desempenham um papel vital na promoção do bem-estar físico e mental, bem como na construção da resiliência necessária para enfrentar os desafios do envelhecimento.

Neste artigo, exploraremos a importância fundamental das redes de apoio e dos laços sociais para lésbicas idosas. Analisaremos como essas conexões sociais não apenas influenciam positivamente a qualidade de vida, mas também desempenham um papel crucial na superação de obstáculos relacionados à saúde, solidão e discriminação. À medida que avançamos para uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade, é imperativo reconhecer que as experiências e necessidades das lésbicas idosas são parte integrante da conversa sobre envelhecimento e bem-estar. Buscamos aqui dar voz a essa comunidade e destacar a importância vital dos laços sociais em sua jornada de envelhecimento, explorando dados e relatos colhidos entre 21 mulheres lésbicas acima de sessenta anos apresentados na tese de doutorado da primeira autora deste artigo¹, *Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado*. Esse retrato foi desenhado a partir de diversos olhares e múltiplas perspectivas de distintas vidas que forneceram a matéria-prima para a tese. Neste artigo, abordaremos os relatos de mulheres que, na sua juventude, compuseram um grupo conhecido por Vila Sésamo², e, atualmente, se reúnem na Confraria. Por meio de seus relatos, podemos identificar a importância dos vínculos de amizade que se materializaram em saúde e alegria de viver, principalmente quando comparadas com outras entrevistadas, mais isoladas socialmente, e cujas trajetórias foram menos solares:

¹ Pesquisa realizada graças à concessão de bolsa de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

² O nome tem sua origem no programa infantil Vila Sésamo, grande sucesso da Rede Globo na década de 1970. O apelido foi dado pelas lésbicas mais velhas em uma referência irônica ao fato de as integrantes do grupo serem muito jovens à época.

A história do “Vila Sésamo” remonta ao final dos anos 1970, se estendendo pela década de 80, quando foi se configurando como um grupo de sociabilidade formado por jovens lésbicas que conviviam nos bares e boates existentes na cidade durante este período, em geral administrados por ou de propriedade de três lésbicas fundamentais na história dessa faixa do segmento LGBTQIA na cidade: Norma Sueli (boate Chez Eux), Mani (bar Marrom Glacê e boate Plumas e Paetês) e Mariinha (Bar da Mariinha, além do período de sociedade com Mani) (Morando Queiroz, 2019, p. 73-74).

Além das outrora jovens lésbicas pertencentes ao Vila Sésamo e que na velhice constituem a Confraria, identificadas aqui por conhecidos nomes da literatura mundial, na tese também trabalhamos com mais dois grupos de mulheres, todas nascidas entre as décadas de 1930 e 1960. Assim, o segundo grupo é composto por proprietárias de bares e boates destinados a receber o público homossexual à época, identificadas com nomes de deusas mitológicas. O terceiro grupo de lésbicas foi escolhido aleatoriamente – bastava que elas tivessem pelo menos sessenta anos e frequentado os espaços destinados a receber o público homossexual na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 90. A estas atribuímos nomes de flores.

Apesar de o foco deste artigo estar centrado nas experiências das entrevistadas que compunham o Vila Sésamo e hoje são parte da Confraria, criada para elas na maturidade, relatos de outros dois grupos apresentados a seguir serão trazidos quando for pertinente, a fim de comparar com as experiências das “confreiras” e com os dados da pesquisa realizada pelo Programa de Extensão Diverso UFMG em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Esta pesquisa deu origem a um relatório final publicado sob o título *Envelhecer LGBT+: histórias de vida e direitos* (Nicoli *et al.*, 2023).

A fim de analisar a importância dessas redes de sociabilidade e solidariedade como fonte de suporte identitário e social durante a trajetória de vida das entrevistadas, utilizamos os dados coletados por meio de 21 entrevistas em profundidade, uma técnica de pesquisa qualitativa que nos permitiu colher as histórias de vida dessas mulheres, pertencentes aos três grupos descritos acima e que se descobriram serem lésbicas na juventude. Selecionamos as participantes utilizando a técnica de *snowball* ou bola de neve, na qual as entrevistadas vão indicando outras a partir dos mesmos critérios iniciais de seleção do grupo. Como é comum à pesquisa qualitativa, não definimos um número ideal de entrevistas que seriam feitas; constituímos o grupo até alcançar o critério da saturação, que ocorre quando há uma quantidade de dados suficientes para análise e formulação de resultados. Isso se dá quando as informações passam a se repetir, permitindo extrair, a partir dos casos individuais, uma conclusão para o todo. Nesse momento, é possível identificar pontos de generalização, o que torna possível trabalhar sistematicamente com os dados coletados.

O estudo revelou um resultado de costura miúda e muitos vaivéns. Cada minibiografia elaborada, cada descrição de um evento, uma vivência ou atividade coletiva foi devolvida ao grupo ou às participantes da pesquisa, caracterizando um processo de facilidades aprendidas, apreendidas e potencializadas em tempos pandêmicos, de vidas remotas e intenso tráfego via redes sociais. Entre as jovens de outrora que compuseram a turma do Vila Sésamo, a manutenção dos vínculos e a jovialidade nas relações se mantiveram surpreendentemente preservados, e foi em torno dos interesses comuns que longevos laços de amizade e solidariedade foram construídos e se mantiveram. Aquelas que conseguiram nutrir os vínculos envelheceram celebrando a vida e apoiando umas às outras, exemplificando o resultado encontrado na pesquisa do Diverso sobre velhice. Isso reafirma a importância dos “laços comunitários estabelecidos como alternativa percebida por essas pessoas para aplacar a solidão” (Nicoli *et al.*, 2023, p. 85).

Pelos seus relatos, fica claro que elas se viam como pessoas comuns, que trabalhavam e estudavam, mas que, como desviantes do sistema sexo-gênero, eram objeto de forte estigma, mesmo que nada fosse revelado nas entrevistas concedidas para além da homossexualidade.

Essa conduta já era suficiente para confiná-las em guetos. Elas se encontravam na restrita cena homossexual belo-horizontina da época, nos poucos bares e as boates disponíveis. Como a exposição pública era algo que desejavam evitar, elas também criaram seus guetos privados: por exemplo, o aluguel de sítios ou casas para promoverem festas e ficarem juntas, sem risco de exposição. Tal estratégia foi comum no período entre diferentes grupos. Essas estratégias possibilitaram que a dimensão sexual tivesse sido intensamente vivida por todas elas.

Curiosamente, no seio de suas católicas famílias, a castidade, pilar para a manutenção da virgindade, um valor em torno do qual se mobilizavam atenção e cuidados, acabou se apresentando como um elemento facilitador das relações entre elas em seus núcleos familiares. Os namorados de fachada colaboravam para desviar a atenção da lesbianidade e contribuíam para que as famílias ignorassem o que acontecia entre as “amiguinhas”: a atração, o desejo e a prática sexual. Assim, a despeito do conservadorismo das famílias de origem, as jovens de outrora, como é comum a jovens do presente, independentemente da orientação sexual, deixaram claro em seus relatos que queriam beijar, transar, namorar, jogar bola e beber. Nesse sentido, as redes de sociabilidade formadas nesse período foram fundamentais para que elas estabelecessem relações de amor, afeto e amizade, além da vivência da sexualidade. Com a maturidade, essas redes, constituídas na juventude, passaram a ter uma importância fundamental para a manutenção dos vínculos sociais e mesmo uma rede de apoio mútuo para elas.

2 VELHICE, SAÚDE E A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS SOCIAIS

Para a comunidade LGBTQIAPN+³, a velhice pode trazer desafios únicos devido ao processo histórico de discriminação e marginalização à qual esteve e está exposta. Em contexto tão desfavorável, a saúde e os laços sociais desempenham um papel crucial. Exploraremos aqui a interseção entre a velhice na comunidade LGBTQIAPN+, sua saúde e a vital importância dos vínculos de amizade como fonte de apoio emocional e social, já que muitos deles, talvez a maioria, não pode contar com o apoio da família de origem, aspecto fortemente presente na geração neste focalizada. Na literatura disponível sobre essa relação entre velhice, saúde e laços sociais, um estudo realizado pela Harvard Medical School chama a atenção. Embora não tenha se concentrado especificamente na importância dos laços sociais na saúde, esse estudo forneceu valiosas informações sobre como os relacionamentos e a qualidade de vida social afetam o bem-estar e a saúde dos homens ao longo de suas vidas (Waldinger; Schulz, 2023).

Os resultados desse estudo se alinham às diretrizes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que, no caderno *Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos* (2017), detalha a importância dos laços sociais para a saúde física e mental das pessoas e a necessidade de combater os processos de isolamento, exclusão e discriminação que afetam com intensidade ainda maior a já estigmatizada população LGBTQIAPN+, mesmo que esse segmento não esteja referido explicitamente no documento (Brasil, 2017, p. 22). Em relação especificamente às questões ligadas ao envelhecimento dessa população, temos o relatório final da pesquisa que culminou no dossiê *Envelhecer LGBT+*: histórias de vida e de direitos (Nicoli *et al.*, 2023), cujos resultados reafirmam os nossos em diferentes aspectos, como discutiremos mais adiante. Se a saúde depende de vários fatores que se interseccionam, a qualidade dos relacionamentos construídos entre as participantes da nossa pesquisa constitui-se em um importante pilar de apoio, nutrição e trocas em um percurso que tem se materializado em um saudável processo de envelhecimento:

³ Usamos a sigla LGBTQIAPN+ quando se trata do texto das autoras e mantivemos as formas como são utilizadas por outros trabalhos e autores/as, como é o caso do recente estudo do Diverso, que usa apenas LGBT+.

Os sociólogos sabem que a vida em sociedade coloca todo ser humano desde o nascimento numa relação de interdependência com os outros e que a solidariedade constitui a todos os estados de socialização a base do que se poderia denominar *homo sociologicus*, o homem ligado aos outros e à sociedade, não somente para assegurar sua proteção face aos males da vida, mas também para satisfazer suas necessidades vitais de reconhecimento, fonte de sua identidade e de sua existência enquanto homem (Paugam, 2008, p. 4).

A afirmativa de Paugam se alinha aos resultados obtidos pelo já mencionado *Estudo de Harvard sobre desenvolvimento adulto* (Harvard Study of Adult Development) que, tendo começado em 1938, é um dos mais longos e abrangentes sobre o desenvolvimento humano (Harvard Medical School, 2015). Apesar de ter pesquisado exclusivamente homens, esse trabalho já teve seus resultados replicados em outros estudos, ainda que não tão extensos. Esse estudo acompanhou a vida de 724 homens com o objetivo de conhecer o que mantém as pessoas saudáveis e felizes ao longo da vida, e constatou a importância que os relacionamentos gratificantes adquirem em nossas vidas, concluindo que uma vida boa se constrói com boas relações e que envelheceram melhor aquelas pessoas que tinham com quem contar, que conseguiram manter coesão social. Em suma, ter amigos e relacionamentos familiares positivos contribuiu significativamente para a qualidade de vida dos participantes (Waldinger; Schulz, 2023).

Os pesquisadores descobriram que homens com laços sociais sólidos tendiam a ter melhor saúde física, o que inclui taxas mais baixas de doenças crônicas, melhor função cardiovascular e maior longevidade. O estudo também destacou que o isolamento social e a solidão têm um impacto negativo na saúde: homens que se sentiam isolados ou não tinham relações sociais de apoio apresentavam maior risco de problemas de saúde mental, como depressão e problemas físicos, como doenças cardíacas (Waldinger; Schulz, 2023). Contudo, não é apenas a quantidade de relacionamentos, mas a qualidade das relações que importa. Ter alguns relacionamentos significativos e de apoio é mais benéfico para a saúde do que ter muitos relacionamentos superficiais. A qualidade das relações familiares, incluindo relacionamentos com cônjuges e filhos, teve um impacto significativo na saúde e no bem-estar ao longo da vida dos participantes (Waldinger; Schulz, 2023).

Em resumo, o *Estudo de Harvard sobre desenvolvimento adulto* (Waldinger; Schulz, 2023) ressaltou a importância crítica dos laços sociais e relacionamentos interpessoais na saúde e no bem-estar dos homens ao longo de suas vidas. Ter relacionamentos significativos e de qualidade é fundamental para uma vida mais longa e mais saudável. A conexão entre o isolamento social e seus efeitos adversos sobre o bem-estar físico e mental é amplamente documentada em diversos estudos acadêmicos.

Outros estudos corroboram esses resultados. Por exemplo, uma pesquisa conduzida em 2015 pela Universidade Brigham Young (EUA) demonstrou que indivíduos que cultivam relações sociais sólidas apresentam um aumento significativo, de até 50%, nas probabilidades de uma longevidade mais pronunciada, quando comparados àqueles que participam menos ativamente de interações sociais em seu ambiente cotidiano. Esses resultados destacam a importância fundamental das conexões sociais na saúde e na longevidade dos indivíduos saudáveis (Holt-Lunstad *et al.*, 2015).

Os resultados dessas pesquisas levaram o importante periódico científico *The Lancet* a constituir um comitê especializado na investigação sobre a solidão e o isolamento social (Biernath, 2023). Em um editorial dedicado a esse tópico, os editores responsáveis pela publicação enfatizaram a crescente relevância dessa preocupação nos últimos anos, destacando seu crescente reconhecimento como um fator prejudicial à saúde tanto física quanto mental. Os autores ressaltaram que a redução das conexões sociais está correlacionada a um aumento substancial do risco de diversas condições de saúde, incluindo doenças cardiovasculares,

hipertensão, diabetes, infecções, declínio cognitivo, depressão e ansiedade. Essas constatações apontam para a necessidade premente de abordar o fenômeno da solidão e do isolamento social de forma mais aprofundada no âmbito da pesquisa acadêmica e da prática clínica, de acordo com os editores.

Ainda no campo dos estudos e pesquisas, encontramos o trabalho de um coletivo de professores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Por meio do “Grupo de Trabalho Longevidade” (2013), eles levaram o GT à descoberta e à exploração do modelo de *cohousing*, uma comunidade com ideais e planos solidários de convivência, onde pessoas convivem entre si, criando laços de cooperação e apoio mútuo. O modelo, originário da Dinamarca, vem crescendo em países da Europa, nos Estados Unidos e em vários outros. No Brasil, a proposta vem dando seus primeiros passos⁴. Vários são os estudos que apontam para a importância das conexões humanas de apoio e confiança, para a manutenção da saúde e do bem-estar, principalmente quando envelhecemos. O modelo *cohousing* tem mostrado ser uma das melhores soluções para um envelhecimento ativo, saudável e feliz, uma vez que combate os efeitos danosos causados pelo isolamento e a solidão.

No Brasil, após a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), foi instituído o Sistema Único de Saúde (SUS). No âmbito desse Sistema, foi criado, em 2005, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS). No caderno *Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos* (2017), o SUAS aborda a convivência e o fortalecimento de vínculos como potentes estratégias para a saúde física e mental das pessoas, bem como a necessidade de combater os processos de isolamento, exclusão, discriminação. É enfatizado ainda que “sentimentos de valorização e de potência estão para fortalecimento de vínculos, assim como os sentimentos de subordinação e impotência estão para o isolamento social e fragilização de vínculos” (Brasil, 2017, p. 22). Quanto à expressão ‘vínculo social’, ela é “empregada para designar todas as formas de viver em conjunto, a vontade de religar os indivíduos dispersos, a ambição de uma coesão mais profunda da sociedade no seu conjunto” (Paugam, 2008, p. 4).

3 A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS SOCIAIS PARA DISSIDENTES DO SISTEMA SEXO-GÊNERO NA VELHICE

Em relação à comunidade LGBTQIAPN+, embora não mencionada especificamente no documento do SUAS, há pesquisas que analisam essa relação entre velhice, saúde e laços sociais. Embora não sejam comuns, recentemente uma delas – “Envelhecimento da população LGBT: diagnóstico sobre o longeviver e o acesso aos serviços públicos municipais”⁵ – foi executada pelo Programa de Extensão Diverso UFMG e patrocinada pela Prefeitura de Belo Horizonte, dando origem ao livro *Envelhecer LGBT+: histórias de vida e de direitos* (2023). O objetivo central da pesquisa foi realizar um diagnóstico entre a população idosa LGBT+ de Belo Horizonte a respeito do processo de envelhecimento na cidade, situações de violações de direitos e percepções sobre o acesso e a qualidade dos serviços públicos utilizados (Nicoli *et*

⁴ Professores/as da Unicamp estão em fase de implantação da *cohousing* Vila ConViver em Campinas. Há também a Bem Viver em fase de implantação em Mogi das Cruzes. Em Minas Gerais, há uma iniciativa da qual a primeira autora deste artigo faz parte. O grupo se reúne desde setembro de 2022. Para mais informações sobre as alternativas disponíveis no Brasil, acesse <https://www.cohousingemrede.com.br/>.

⁵ O Relatório Final da pesquisa “Envelhecimento da população LGBT: diagnóstico sobre o longeviver e o acesso aos serviços públicos municipais” é fruto da parceria entre o Diverso (Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero) e a Diretoria de Políticas para a População LGBT, órgão da prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Na pesquisa, foram aplicados 114 questionários e realizadas 75 entrevistas de história de vida. Os entrevistados são relativamente jovens, sendo a maioria composta por idosos que possuem entre 60 e 64 anos (66,7%), seguidos daqueles entre 65 e 69 anos (19%) e entre 70 e 74 anos (14,3%), moradores em Belo Horizonte na data da entrevista.

al., 2023). Essa pesquisa trouxe dados muito relevantes para o tema em questão. Ela revelou que,

De todos os sentimentos mapeados na trajetória da vida das pessoas idosas LGBTQ+ entrevistadas, tais como a alegria/felicidade, a saudade, a tristeza e a insegurança, aquele mais recorrente foi a solidão, seguida pelo medo. Mais de $\frac{3}{4}$ da amostra, o equivalente a 76%, apontou alguma impressão sobre a vivência desses sentimentos na velhice. A solidão, portanto, revelou-se como uma das marcas do envelhecimento deste público, independentemente do grupo analisado (Nicoli *et al.*, 2023, p. 73).

Um ponto em comum entre os dados do Relatório final da pesquisa do Diverso UFMG e os resultados da tese da primeira autora refere-se às atividades em casa e à vivência da homossexualidade em guetos, à revelia do conhecimento explícito da família. A mesma reserva ocorreu no ambiente do trabalho ou quaisquer outros que não fossem “seus territórios”. Embora tenhamos trabalhado na tese com lésbicas com trajetórias distintas, ficou óbvio no grupo do Vila Sésamo, o impacto dos relacionamentos construídos na juventude, preservados na velhice, como forte elemento definidor da qualidade da vida que levam, dos saudáveis e longevos relacionamentos que mantêm e da saúde que ostentam.

Para Eribon (2008, p. 51), as redes de amizade são muito importantes para os gays mais velhos, principalmente quando cessam de participar das vidas dos bares e dos lugares de paquera. Para as lésbicas, o quadro não é diferente. Ainda que um distanciamento fique evidente e soe quase como uma contingência natural ao longo da vida, a turma do Vila Sésamo resiste criativamente ao isolamento, como no caso do Vaga Beer, evento criado para celebrarem a aposentadoria, com encontros planejados para acontecer semestralmente, sempre e simbolicamente às segundas-feiras à tarde. Nessa ocasião, um livro de adesão é assinado e a aposentada recebe a Medalha do Mérito Vagaba. A homenagem conta com três categorias: medalha de bronze para aquelas que se aposentaram, mas continuam trabalhando; de prata para as aposentadas que eventualmente fazem alguns bicos; de ouro para as aposentadas plenas!

Vaga Beer é o encontro que Jane Eyre criou, já que fomos nos aposentando com o tempo e nessas aposentadorias fomos consideradas “vagabundas”. E adoramos o título. [...] a gente fazia aquela mesa com vinte mulheres ruidosas. Mas o encontro, assim, como se fosse um encontro de homens. Mas ninguém dava bandeira, abraçar uma ou outra, beijar, não tinha nada disso. Era um coletivo bem normal. Igual a um punhado de funcionário público que vai se encontrar em um lugar, toma cerveja, come. Ficava aquele monte de homem transitando pelo local e olhando muito pra gente. Deviam achar muito engraçado, tipo “que monte de mulher esquisita”. (Caubí, 67 anos)

O contato com as entrevistadas escancarou, além da já propalada invisibilidade lésbica, principalmente entre mulheres mais velhas, o valor e o impacto, em suas vidas, das amizades que foram construídas e mantidas. Se entre várias, a ausência de vínculos retroalimentados na convivência foi determinante para trajetórias de vidas menos solares, entre aquelas que compuseram a turma do Vila Sésamo a manutenção dos vínculos e a jovialidade nas relações se mantiveram preservadas. Elas envelheceram de forma mais saudável e seguem celebrando a vida e apoiando umas às outras na Confraria que criaram para si.

Ao serem perguntadas se conheciam outros coletivos de lésbicas com o nível de organização e interação que conseguiram construir, Jane Eyre nos conta:

Não. Eu não conheço. Assim, no tamanho. Existem outras pessoas que se agrupam e tal, mas assim que ao longo do tempo agregou tanta gente e foi indo... Entra e sai, lógico, uns se aproximam, outros se afastam, como sempre. Umas se agregam inclusive para morar. Hoje está mais comum, já pela nossa faixa etária, uma agregação

de grupos no local de moradia, como a gente tem aqui. Você sabe onde eu moro: aqui nós somos seis casais de lésbicas que moramos aqui numa associação de bairro, tipo um condomínio horizontal. Bom, então, mas assim, que tem essa capacidade de agregação da gente, fazer um Baile do Papel AlmaSSo⁶ e chegar próximo de duzentas pessoas, não, eu desconheço. (Jane Eyre, 65 anos)

O “Baile do Papel AlmaSSo” surgiu do desejo de reencontrar as amigas com as quais haviam perdido o contato, aquelas que foram ficando pela estrada da vida. O evento contou com quatro edições: em 2009, 2010, 2011 e 2017. Com considerável *expertise* na realização de festas e eventos, as organizadoras mobilizaram suas competências e formalizaram em 2009 uma Confraria, criando também um grupo virtual para interação, prestação de contas e postagem de fotos das festas. O texto de abertura assim apresentava a Confraria:

[...] é uma Confraria de amigas que se reúnem toda primeira quarta-feira do mês no "Cantinho da Úrsula" e, anualmente, no último sábado de novembro, em uma bela festa noturna, animada, dançante, de alto astral, pra dar a largada nas festas de comemoração de final de ano, recarregando as baterias para mais um ano de saúde, alegria e sucesso (Texto extraído do *yahoo groups*, acesso em 14 ago. 2019).

Como o objetivo era fazer uma festa na qual o maior número possível dessas mulheres com as quais conviveram um dia pudessem estar presentes, elas propuseram encontros mensais. Mantendo o hábito construído para se protegerem das violências físicas ou simbólicas às quais sempre estiveram expostas, o grupo permanecia fechado a estranhos e curiosos, constituindo-se em uma forma de gueto.

Contudo, é importante ressaltar que o fato de as integrantes do Vila Sésamo pertencerem a estratos sociais de maior poder aquisitivo (quase todas entrevistadas pertenciam às classes médias ou alta) possibilitou que elas se engajassem no pagamento das despesas com essas atividades de lazer, como aluguéis de sítios e organização das festas. Isso também permitiu a elas sustentarem a rede de apoio e solidariedade construída na atual Confraria, incluindo nela algumas com menor poder aquisitivo. A solidariedade financeira entre elas se manifestou de várias formas, como frequentar um bar para dar força à proprietária prejudicada pela pandemia, ou mesmo pagar as despesas de viagem internacional para alguma amiga realizar um sonho.

Já no estudo do Diverso UFMG (2023), nos relatos referentes ao acesso de pessoas idosas LGBTQ+ de Belo Horizonte a atividades de cultura e lazer, bem como a atividades políticas e voluntárias por elas desenvolvidas, observou-se que a renda é percebida como o grande impeditivo de participação em atividades culturais e de lazer na cidade, e que essas pessoas dão preferência para atividades em casa, tanto pelo fator econômico quanto por preferência pessoal (Nicoli *et al.*, 2023, p. 15).

Quanto a essa preferência pessoal, mudanças recentes, como a saída da população LGBTQIAPN+ do armário, aliada ao empoderamento da geração de lésbicas mais jovens, não tiveram como resultado um maior encorajamento à exposição, e isso foi ponto comum entre as entrevistadas para a tese e as pessoas entrevistadas pela pesquisa do Diverso UFMG (2023). Cabe ressaltar que estamos diante de uma geração cujo tema da sexualidade já era difícil dentro do padrão; em rotas desviantes, são ainda mais. Para além da geração da qual se faça parte, romper com o modelo de sexualidade hegemônica desaguará, fatalmente, na desvalorização da pessoa aos olhos de parcela muito expressiva da sociedade, desvalorização que pode se manifestar nos diversos setores da vida:

⁶ AlmaSSo refere-se à antiga folha de papel almaço. A grafia com dois SS é uma brincadeira do grupo, referindo-se a Super Sapatas.

Interessante perceber os relatos sobre críticas e resistências sofridas por este grupo de outras pessoas LGBTQ+, de que idosas cisgêneras lésbicas sofrem por viverem de modo público sua sexualidade, questão que é motivada, na visão das pessoas entrevistadas, à uma discriminação em razão da idade. Nesse sentido, as mulheres entrevistadas revelaram que são recorrentemente interpeladas para que voltem para o armário ou, em outros termos, para que vivam sua sexualidade de forma privada e “discreta”. Nesse contexto, a publicização da sexualidade é muitas vezes interpretada pelas entrevistadas como uma conduta inapropriada e despropositada (Nicoli *et al.*, 2023, p. 89).

Assim como no trabalho realizado pelo Diverso UFMG (2023), a tese nos colocou diante de uma geração de mulheres que sustentavam a invisibilidade da homossexualidade feminina. Tema clássico e caro aos estudos sobre dissidências sexuais, tal invisibilidade pode ser analisada sob a ótica de uma deliberada atitude para autoproteção, pois dentro do armário elas se protegiam de situações embaraçosas. Uma das entrevistadas - Capitu - afirmou que a invisibilidade das lésbicas da sua geração tem relação com o medo de não serem aceitas na sociedade, de sofrerem “*bullying* e até agressão”; para ela, “expor-se sendo diferente te coloca em uma vitrine para os outros atirarem pedra”. Essa fala é corroborada pelo estudo realizado pelo Diverso UFMG: “[...] todos os lugares que eu passo, eu sou invisibilizada totalmente. Porque uma grande parte da minha vida, a parte importante da minha vida eu não posso falar” (Nicoli *et al.*, 2023, p. 85).

De acordo com o estudo realizado pelo Diverso UFMG (Nicoli *et al.*, 2023, p. 86), “demonstrações públicas de afeto são vistas como: algo que não é natural de sua geração; um risco assumido por pessoas LGBTQ+ mais jovens, que pode desencadear violências; provocações desnecessárias a pessoas que não simpatizam com a comunidade”. Ainda de acordo com o citado estudo,

No caso de idosas lésbicas, a vivência não pública da sexualidade também apareceu, associada ao constrangimento de demonstrar a existência de uma relação amorosa em locais públicos e em contextos familiares. Demonstrações públicas de afeto, por sua vez, são vistas pelos dois grupos como algo que não é de sua geração, um risco que pode expor pessoas LGBTQ+ a violências ou mesmo uma forma de provocar pessoas que não simpatizam com a comunidade (Nicoli *et al.*, 2023, p. 13).

Ainda segundo o estudo do Diverso UFMG (2023), os fatores que levam os idosos a não revelarem abertamente sua orientação sexual variam consideravelmente. Alguns optam por manter esse aspecto de sua identidade em sigilo devido ao temor de enfrentar violência e discriminação, enquanto outros simplesmente não consideram a necessidade de tornar sua sexualidade pública. Além disso, a decisão de não divulgar a orientação sexual muitas vezes envolve comparações com outros indivíduos LGBTQ+, e alguns entrevistados expressam desacordo em relação à maneira como os jovens LGBTQ+ escolhem expor abertamente sua sexualidade (Nicoli *et al.*, 2023, p. 86). Tal desaprovação também esteve presente no discurso nas nossas entrevistas, como veremos a seguir. É também digno de nota que idosos cisgêneros que se identificam como gays e bissexuais tendem a encarar as doenças crônicas que enfrentam como desafios naturais, inerentes ao processo de envelhecimento, frequentemente denominando-as como “doenças do envelhecimento”. Por outro lado, as idosas cisgêneras que se identificam como lésbicas optam por adotar estratégias de envelhecimento saudável, incorporando atividades físicas e uma alimentação equilibrada em suas vidas. Elas percebem sua saúde atual como substancialmente melhor do que em fases anteriores de suas vidas (Nicoli *et al.*, 2023, p. 15).

Sobre isso, deparamo-nos com dados distintos quando comparamos o universo masculino e o feminino, achado em estreita consonância com a tese já referida. Parece haver

algo singular ao universo feminino, como este relato: “então hoje, eu vivo uma... uma vida muito mais tranquila emocionalmente. [...] Tô muito mais tranquila, né? Porque descobri isso né, que posso ser sozinha, que sou uma lésbica, sou sozinha e sou feliz... (risos)” (Nicoli *et al.*, 2023, p. 74), e mais:

Para as idosas cis lésbicas, as narrativas contornam o tema, sendo incerto o real impacto da solidão em suas experiências de envelhecimento. Apesar disso, algumas entrevistadas apontam a velhice como uma fase em que a solidão é encarada sem tanto sofrimento, pelo abandono da ideia de que ter uma parceria amorosa seria uma necessidade emocional incontornável. Nesse sentido, a experiência de estar sozinha é desfrutada com alegria (Nicoli *et al.*, 2023, p. 74).

Em síntese, os diversos estudos e pesquisas apresentados neste artigo evidenciam, independentemente da posição que se ocupe na vasta sigla LGBTQIAPN+ ou fora dela, que os laços sociais são de fundamental importância. Contudo, para as pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero que se encontram na última fase da vida, esses laços são ainda mais basilares devido aos processos históricos de discriminação e marginalização aos quais foram submetidos, muitas vezes pela própria família, vínculo que costuma ocupar um lugar central em qualquer fase da vida, mas com ainda maior relevância no núcleo familiar de origem.

4 EU SOZINHA ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: A EXPERIÊNCIA DA CONFRARIA

Conforme já mencionado, a Confraria é formada por uma parte das mulheres que compuseram o Vila Sésamo na juventude. Uma de suas integrantes por nós entrevistada, Nastasya, relatou em tom de censura que as jovens lésbicas “entram nos bares e estão querendo se beijar. E tem pessoas que não aceitam. Eu não sei se elas vão ter esse respeito que nós tivemos na época.” Curioso que ela nomeie como respeito uma vida de silêncio e de manifestações contidas entre manobras para manterem a lesbianidade invisível aos olhos da sociedade.

Para Goffman (1988), em seu estudo clássico sobre o estigma, este tipo de comportamento é frequentemente utilizado para reduzir a tensão, facilitando a interação com outras pessoas, evitando confrontar-se e confrontar outros com o seu estigma. Porém, tais atitudes têm consequências: se, de um lado, podem evitar descréditos sociais, uma vez que garantem a preservação do segredo, de outro, podem colocar em causa um sentimento de integridade. Ao tentarem manter um verniz de mulher heterossexual, elas precisam ocultar comportamentos não condizentes com o que é esperado em um mundo heteronormado. Isso exige um estado de atenção constante no sentido de não levantar suspeitas que as colocariam em descrédito (Seidman, 2004; Ponse, 1976; Goffman, 1988).

“Foi uma postura nossa, a gente pra preservar, eu acho que pra se preservar mesmo e também, eu acho, sinceramente, que não tem necessidade [de exporem a orientação sexual]” (Nicoli *et al.*, 2023 p. 88). Este trecho, extraído da pesquisa realizada pelo Diverso UFMG (2023) traz relatos em estreita consonância com os colhidos na já referida tese, escancara a importância da invisibilidade como estratégia de proteção: “é possível perceber que a orientação sexual possui distintas exposições, ora sendo pública, ora sendo privada – não dita ou escondida – de acordo com o local social em que transitam”. Para Bovary, “abrimos portas e levantamos bandeiras de uma forma muito discreta, de uma forma sutil, como um bom mineiro, comendo pelas beiradas” (Souza, 2022, p. 124). “Quando eu falo da minha homoafetividade é como se eu estivesse expondo essas mulheres, e isso é muito ruim, eu sentir isso. Então eu me sinto discriminada porque eu não quero ser uma mulher homoafetiva no guarda-roupa e as pessoas parecem que exigem que a gente tenha esse comportamento assim [...]” (Nicoli *et al.*, 2023, p. 89). O citado guarda-roupa é o clássico e conhecido armário, local no qual se sentiam protegidas

de violências, preconceitos e discriminações. De acordo com Sedgwick (2007), o armário não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays; para muitas delas, é uma presença formadora e característica fundamental da vida social. Mesmo as pessoas assumidas costumam se manter no armário para alguém que seja importante para elas.

Há que se considerar que a invisibilidade se relaciona com as dinâmicas que estão postas na sociedade; se intersecciona com outras questões para além do sexo e do gênero; abarca idade, estratificação social, raça e funciona como um dos instrumentos para a manutenção de poder, o qual está fortemente alicerçado na lógica neoliberal derivada do modo de produção capitalista. Para perscrutar esse restrito universo, recorreremos aos estudos decoloniais que têm iluminado possibilidades de entendimentos mais amplos, a partir da inclusão de novas pautas e perspectivas que escancaram a necessidade da incorporação da luta política, colocando no centro a imprescindível pauta da desigualdade, do poder e a necessidade de dar visibilidade a grupos historicamente subalternizados.

Para Lugones (2020), é central compreender a chave da heterossexualidade dentro do sistema moderno colonial, porque o que se entende enquanto heterossexualidade foi construído e não tinha o peso e o significado social, econômico e político que adquiriu na contemporaneidade. Os tempos atuais nos colocam diante de novos desafios, como o etarismo, que se intersecciona com a gama de tantos outros direitos negados às lésbicas, como ilustra a novela global *Babilônia* (2015). No primeiro capítulo do folhetim, foi colocado no ar uma cena em que as atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, ambas com 86 anos à época, beijam-se na boca:

[...] o que mais chama a atenção é a utilização das palavras “mau exemplo” e “exposição desnecessária” para designar a cena, quando todo o restante do capítulo da novela foi um cabedal de práticas condenáveis pela moral vigente. Ali desfilarão duas cenas de traição, mentiras, discussão familiar, tramas de vingança e até assassinato. No entanto, mais uma vez, o incômodo e a estranheza recaíram sobre a cena banal de duas mulheres velhas expressando o seu afeto. No momento em que a velhice ganha novos campos de circulação nas diferentes esferas sociais, tais como o mercado (com suas ofertas de produtos e serviços específicos para esse público), o estado de direito (com leis e estatutos), a ciência (através da geriatria e da gerontologia), ainda parece existir uma cegueira por parte da maioria da população quando o assunto são os velhos e suas singularidades (Rosa; Vilhena, 2016, p. 11).

Se, para muitas pessoas, é necessário um trabalho de elaboração psíquica para enfrentar essa última fase da vida, os múltiplos preconceitos pulverizados nos mais diversos campos e meios sociais só tornam mais difíceis e complexos os desafios, nos “ataques às personagens Estela e Teresa manifesta-se mais um preconceito, agora contra a sexualidade dos idosos no âmbito social, sobre a qual ainda pesa um silêncio constrangedor” (Rosa; Vilhena, 2016, p. 11). Em cenário tão hostil, as amigas podem se apresentar como um bálsamo. Como o confirma Didier Eribon (2008), os amigos encontrados nos lugares gays substituem as relações familiares, mais ou menos deixadas de lado, assim como as relações no lugar de trabalho, tão difíceis de estabelecer e de serem mantidas para um gay ou uma lésbica, sobretudo quando procuram esconder o que são.

Quando iniciamos a pesquisa, as hipóteses construídas no projeto que orientou o percurso da investigação foram elaboradas meio intuitivamente. Havia certa insegurança ao nos aventarmos em um meio relativamente conhecido. Contudo, ouvir as histórias das vidas que forneceram a trama para a tessitura de nossas considerações alterou a imagem prévia que tínhamos sobre o campo.

O que a tese da primeira autora escancarou, além da invisibilidade lésbica já explorada em outros estudos, foi o valor das amigas que muitas foram capazes de construir. Ao iniciarmos a pesquisa, não nos ocorreu que a amizade tomaria a dimensão que tomou, muito

menos seus desdobramentos, fato que nos instigou, inclusive, a propor este artigo apontando a importância das relações sociais para a saúde.

Tivemos a possibilidade de acessar vidas vividas no armário, às margens e na invisibilidade, resultado da imposta clandestinidade histórica à qual pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero são submetidas. O retrato falado revelado pelo estudo é um registro da luta contra o apagamento de memórias, existências e resistências!

Trabalhamos com um tema clássico e caro aos estudos sobre dissidências sexuais femininas: a invisibilidade lésbica. O encontro entre pesquisadora e pesquisadas trouxe surpresas e revelou facetas impensadas. Para a maioria delas, ficou evidente a importância de se manterem fechadas, demonstrando orgulharem-se dessa característica. De forma geral, poucos são os espaços pelos quais transitam sem filtros, têm dificuldade e muitas críticas quanto à exposição pública e comum em tempos presentes, de jovens casais de lesbianas; entre algumas, o sentimento é de aversão.

No que diz respeito à tese, conseguir nos aproximar de suas histórias de vida demandou, além de uma potente *network*, persistência e perseverança, um verdadeiro processo de convencimento. Muitas se mostraram arredias, fechadas e alheias ao valor de seus relatos e vivências. Persistimos, elas eram guardiãs de histórias que ainda estavam por serem contadas e registradas, o tempo impondo seus limites...

Entre as que compuseram a turma do Vila Sésamo no final dos anos 1970 e que se uniram em torno da Confraria em tempos presentes, há uma evidente sororidade. O que foi construído por algumas mulheres se mostrou muito potente no campo dos relacionamentos e dos afetos, condição corroborada pela já citada pesquisa que vem sendo realizada na Harvard Medical School.

Ao que tudo indica, a ausência de um casamento heterossexual e de filhos, bem como tudo o que implica uma relação constituída nos moldes patriarcais imposto às mulheres, favoreceram os modos de vida que adotaram, os encontros frequentes e a criação de laços longevos, festivos e solidários entre várias entrevistadas. À revelia da heteronorma, as jovens do Vila Sésamo uniram-se em torno da prática de esportes, principalmente o futebol; nos encontros nas casas das amigas; nas repúblicas; no festival que criaram para si – o Festiranga; nos bares, boates e sítios. Envelheceram confreiras pelos Bailes do Papel AlmaSSo, nos encontros do Vaga Beer, de forma que chegaram aos anos 2000 celebrando mais de quarenta anos de amizade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da tese, concluímos que pavimentar caminhos para a vivência de suas sexualidades dissidentes em tempo histórico tão restritivo à homocultura, em plena ditadura civil-militar de 1964 a 1985, impôs a elas seus desafios. Ainda que três lésbicas tenham vivenciado situações dramáticas relacionadas à ditadura civil-militar em seus núcleos familiares, nenhuma as vivenciou pessoalmente, uma vez que não se posicionaram explicitamente contra o regime. Embora houvesse, no início do trabalho de campo, a expectativa de encontrar posturas mais engajadas ou “feministas”, tais posicionamentos não apareceram. Contudo, cabe considerar o que foi possível a elas enfrentar, dentro das possibilidades do tempo histórico vivido e da opressão do sistema cis-hetero-patriarcal. Ficou evidente a competência do aparato repressor, com destaque para o Sistema Nacional de Informação (SNI), no que se refere ao controle dos meios de comunicação. Se em tempos atuais as informações chegam em velocidade e diversidade, durante a ditadura pouco acesso tiveram sobre o que estava acontecendo no país. Quanto aos possíveis atravessamentos entre ditadura e homossexualidade, seus relatos sinalizaram a experiência de algo que pairava no ar, remetendo a uma vigilância de costumes que impunha a elas regramento, reserva e vigília constantes.

Apesar de ser uma geração que viveu o impacto devastador da Aids, entre as 21 entrevistadas para a tese, apenas duas abordaram o tema espontaneamente, o que sinaliza que a maioria viveu em guetos predominantemente de lésbicas. Alguns relatos explicitaram a presença rara de gays entre elas.

Embora a militância pelo reconhecimento de direitos sociais não tenha se apresentado ao longo da pesquisa, as mulheres entrevistadas contribuíram com a presença física para o reconhecimento de muitos dos que foram alcançados atualmente. Elas foram também fonte de inspiração para o empoderamento da geração mais nova, que, militando ou se expondo, de forma física ou pelas redes virtuais, tem tentado tornar a cena de duas mulheres trocando afeto em público, no mínimo, digna de respeito, ainda que tal exposição soe desrespeitosa e incomode as mais velhas.

Mesmo que as mulheres ouvidas tenham evitado se expor quando jovens, e ainda hoje evitem, há que se reconhecer a necessidade das pautas identitárias para fortalecer a reivindicação de direitos, pelo menos até que questões que alicerçam desigualdades sejam superadas, como aconteceu com aquelas que perdiam a virgindade, as desquitadas e divorciadas que foram tratadas como párias sociais.

Há chance de que as histórias das mulheres entrevistadas abarquem em si representações de um universo muito maior de mulheres que mantiveram relações afetivas e/ou sexuais com outras mulheres e travaram lutas identitárias semelhantes nas mais diversas regiões do Brasil; que adoeceram, invisíveis em seus armários, ou conseguiram se manter saudáveis graças a uma rede de apoio que lhes permitiu construir vínculos e viver seus proibidos afetos, ainda que confinadas em guetos.

Há um aspecto curioso que, embora fuja ao tema proposto para este artigo, gostaríamos de deixar registrado, vislumbrando fomentar outros estudos. Ele se relaciona com os números crescentes de separações. De acordo com o levantamento do Colégio Notarial do Brasil, tem havido expressivo crescimento de divórcios nos últimos anos. Para a instituição, esse número é reflexo da maior convivência entre os casais devido às medidas de isolamento social adotadas na pandemia. Se o isolamento social ou o excesso de convivência privada nos lares durante o longo confinamento fez muitos adoecerem e afetou casais heterossexuais, as lésbicas que viviam juntas e com as quais tivemos contato durante a pesquisa relataram ter ficado mais unidas, percepção corroborada também na pesquisa realizada pelo Diverso UFMG (2023):

Na pandemia eu fiquei com muito medo não só do meu adoecimento, com o adoecimento de todas as pessoas, os entes queridos. É... E nós passamos a trabalhar... Eu dando aula online, né, e ela advogando – ela é advogada também de um órgão público. E ela trabalhou em casa. As duas trabalhando em casa. Então o... a pandemia pra a gente foi... fortaleceu ainda mais a relação, a presença, a... o companheirismo, o cuidado com a família. Porque fiquei três meses sem ir à casa da minha mãe, com medo de... de qualquer coisa. Então assim, era só chamada de vídeo, minha irmã cuidando, com medo por causa do meu irmão que fazia hemodiálise, então não dava pra... contaminação.... Foi um momento difícil, e vendo pessoas perdendo entes queridos. [...] Eu acho que essa pandemia... Nossa, foi um negócio assim de matar (Mulher cis, lésbica, parda, entre 60 e 64 anos. Cf. Nicoli *et al.*, 2023, p. 150).

Se parece óbvio que passar a vida ao lado de amigas/os feitas/os pela caminhada da vida e que a construção dessas relações ocupa um lugar central para o bem-estar na velhice de todo e qualquer ser humano, menos óbvio é o impacto dessas amizades se levarmos em conta que quando somos jovens não estamos atentas/os à importância crucial que tais relações e afetos podem assumir.

O contato com as entrevistadas escancarou, além da já propalada invisibilidade lésbica, principalmente entre mulheres mais velhas, o valor e o impacto, sobre suas vidas, das amizades que foram construídas e mantidas. Se entre várias, a ausência de vínculos retroalimentados na

convivência foi determinante para trajetórias de vidas marcadas por diferentes dificuldades, entre aquelas que compuseram a turma do Vila Sésamo a manutenção dos vínculos e a jovialidade nas relações se mantiveram preservadas. Elas envelheceram de forma mais saudável e seguem celebrando a vida e apoiando umas às outras na Confraria que criaram para si.

REFERÊNCIAS

BIERNATH, André. Por que a solidão virou uma das grandes preocupações de saúde do século 21. **BBC News Brasil**, 15 ago. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd145rv214ko>.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos**. Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HARVARD MEDICAL SCHOOL. Welcome to the Harvard Study of Adult Development. **Harvard Second Generation Study**, 2015. Disponível em: <https://www.adultdevelopmentstudy.org/>.

HOLT-LUNSTAD, Julianne; SMITH, Timothy B.; BAKER, Mark; HARRIS, Tyler; STEPHENSON, David. Loneliness and social isolation as risk factors for mortality: A meta-analytic review. **Perspective Psychology Science**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 227-237, March 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25910392/>.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-84.

MORANDO QUEIROZ, Luiz Gonzaga. Vestígios de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996). **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 62-76, fev. 2019. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh.

NICOLI, Pedro Augusto Gravatá *et al.* **Envelhecer LGBT+**: histórias de vida e direitos. Belo Horizonte: Diverso UFMG, 2023.

PAUGAM, Serge. **Le lien social**. Tradução livre de pesquisadores do NEPSAS PUC/SP. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. Versão traduzida, mimeo.

PONSE, Barbara. Secrecy in the Lesbian World. In: WARREN, C. (Ed.). **Sexuality**: Encounters, identities, and relationships. Beverly Hills: Sage, 1976. p. 53-79.

ROSA, Carlos Mendes; VILHENA, Junia de. O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 9-19, ago. 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5498/pdf>.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **cadernos pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet**: The transformation of gay and lesbian life. New York: Routledge, 2004.

SOUZA, Janice Aparecida de. **Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000**: um retrato falado. 2022. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

WALDINGER, Robert J.; SCHULZ, Marc. **The Good Life**: Lessons from the World's Longest Scientific Study of Happiness. New York: Simon & Schuster, 2023.